

# **ZONA DE CLIVAGEM**

*LILIANA HEKER*

TRADUÇÃO LIVIA DEORSOLA

<b>09</b>	Primeira Parte
<b>77</b>	<i>CODA</i>
<b>97</b>	Segunda Parte
<b>173</b>	<i>CODA</i>
<b>191</b>	Terceira Parte

*Ao homem que, à força de  
amor e de loucura,  
instaurou no meu mundo um  
luminoso caos,  
a Ernesto Imas,  
pelo amor, pela luz e pela loucura.*

# Primeira Parte

Me ame sem piedade. Deixe que os amantes fáceis se amem quando é fácil amar. Me ame até por tê-lo traído.

*WILLIAM SAROYAN*

Passarinho que come pedra..., o velho acabava de dizer. E tinha razão. Se no último momento Irene descartara a Hermes Baby e optara por uma Remington que, entre outros males, não travava as maiúsculas e tinha o jota faltando, era melhor aceitar sem piar que o velho tomasse o tempo que precisasse para consertá-la.

— Mas acho oito dias demais — disse, sem muitas esperanças.

O velho fez cara de paisagem, murmurou *Mãezinha querida, em que mundo você foi me jogar* e girou a cabeça como se buscasse uma testemunha para o que acabava de ouvir.

Mas a única coisa viva naquele cubículo abarrotado de máquinas de escrever (além de Irene e do próprio velho) era Alfredo, que não conseguia ver o velho porque estava em uma posição esquisita. Com a cabeça enfiada na Remington, se empenhava em movimentar certo mecanismo com os dedos. *Disposto a resolver in loco o problema das maiúsculas*, pensou Irene, *isso sem falar no jota*. E tudo porque não se conformava que um velho charlatão arruinasse as comemorações do aniversário dela justo no dia em que ele tinha decidido celebrá-lo.

Era apenas uma contingência que o aniversário dela tivesse sido em fevereiro e agora estivessem em agosto; para Alfredo (coisa que Irene suspeitara treze anos antes, no Constantinopla), toda medição do tempo era uma prática bizantina; só os atos importavam. E se seis meses antes (ele acabava de explicar justamente isso, enquanto iam à oficina do velho), se seis meses antes tinha achado o máximo dar de presente a ela uma máquina de escrever; se durante todo esse tempo

(cada vez que eu te lembrava disso, Irene lembrou a ele) ele se mostrara decidido a dar o presente a ela, e se agora estavam prestes a entrar para comprá-lo, qual era o problema? O problema (dissera Irene) estava no fato de que ela não tinha uma noção do tempo tão singular como a dele; ao contrário, ela vivia com um cronômetro na cabeça, de modo que passara aqueles seis meses entre parênteses, com a desagradável impressão de que, enquanto não tivesse a máquina, seu trigésimo aniversário não teria se consumado completamente. *Ou seja, com a foice no pescoço*, pensou de repente. Mas na verdade não disse trigésimo, já que esse era um assunto que nenhum dos dois mencionava. Embora por motivos diferentes (escreveria depois Irene); para Alfredo a mulher de trinta anos era um exemplar balzaquiano, definitivamente adulto, fato que acontecia em certos casos, mas não no meu, como se um fio dourado me atasse à adolescente que ele conheceu treze anos antes, de modo que para ele minha insistência numa máquina de escrever só indicava que aquela que ontem ainda dizia querer comer a lua tinha, por fim, decidido se mostrar como realmente era. Mas, para mim, a máquina era um feitiço contra a incerteza. As pessoas me tratavam informalmente no ônibus, nunca ninguém me chamara de senhora, minha cara ainda suscitava a pergunta sobre quantos anos eu tinha. Trinta. Bingo. Algo se congelaria no preciso instante em que eu o dissesse. O sentimento maternal que eu despertava nos outros — uma cilada para incautos, ou será que minha cara não era a melhor fraude em relação ao meu cérebro? —, o gesto do padeiro me dando um biscoitinho folhado, o sorri-

so rasgado da minha vizinha ao me passar pela varanda um prato de bolinhos fritos, se tornariam gélidos assim que eu enunciasse minha idade. Vivia nesse marasmo, sonhando que uma máquina de escrever me transformaria, de repente e sem dor, em uma definitiva — embora adorável — mulher de trinta anos que exalaria suas gratas três décadas por toda a pele. Não era de estranhar, então, que no último momento eu descartasse a diminuta portátil de nome suspeito e me decidisse por uma Remington como se escolhesse um tanque de guerra. Só que, naquele momento, não podia tolerar a ideia de que aquela fronteira ambígua da minha vida se estendesse por mais oito dias.

— Oito dias? — disse Alfredo, emergindo do interior da máquina como se acabasse de despertar. — Mas se eu com uma pinçazinha e um arame conserto isto em dez minutos!

— Não, por favor — sussurrou Irene. — Deixe isso para o senhor, afinal não há tanta pressa.

— Dá pra ver que a garota confia em você — disse o velho.

— Ela não compreende a minha engenhosidade — replicou Alfredo.

— Ah, são todas iguais — concluiu o velho, e suspirou.

Foi um suspiro tão extraordinário que Irene e Alfredo se entreolharam, como para verificar no outro esse pequeno acontecimento. E a tarde deu uma guinada rumo à felicidade.

— Tudo bem, posso esperar uns dias — disse Irene. E achou prudente acrescentar: — Até gosto disso, que haja uma demora, meio que pra ter tempo de preparar a alma.

Porque sabia que, uma vez decidido a cobri-la de felicidade como ele estava agora, era capaz de lutar, jejuar, dilacerar-se, beber vinagre e até se atracar com algum crocodilo, contando que ela tivesse a máquina já. E porque acabara de reparar no que, um minuto antes, o velho havia dito. Uma coisa que acertara em cheio sua *Weltanschauung*. Passarinho que come pedra... Não há bônus sem ônus.

Por fim Alfredo deixou o dinheiro e foi comprar cigarro. Dois minutos depois Irene foi atrás, correndo; balançava o recibo para que Alfredo pudesse vê-lo, ainda que, como costumava acontecer, sem averiguar em que lugar físico da realidade ele estava. Atravessou a rua tão radiante e desembestada que não viu a tempo uma adolescente aloirada que corria no sentido oposto.

O choque foi violento e inesperado. As duas riram e a adolescente continuou sua marcha. Mas Irene não. Acabava de notar que não tinha a mais mínima ideia do lugar aonde ia. Mais calma, girou sobre si mesma procurando Alfredo. Localizou-o ao lado do quiosque de cigarros, que — essas coisas também costumavam acontecer com ela — não ficava em frente, e sim na mesma calçada de onde vinha.

E alguma coisa a fez se sentir bonita da cabeça aos pés: o rosto de Alfredo. Ele a olhava sorrindo, subitamente jovem, contra o muro acinzentado. Não era espantoso que seus arroubos ainda tivessem a virtude de fazê-lo rir? Caminhou, e em seu corpo ia florescendo uma sensação antiga, certo estado de privilégio que costumava inebriá-la aos dezessete anos e que, em momentos como esse, ainda a inebriava.



Esvoaçante, aproximou-se de Alfredo.

— Você não vai acreditar com quem trombou — ela ouviu.

Ficou surpresa, mas não demonstrou o impacto: apenas uma imperceptível dilatação dos olhos. Trombei, sim, agora se lembrava, tinha trombado com alguém ao atravessar a rua.

Seu espírito estava predisposto a receber uma revelação, porque era isso que prometia a expressão de Alfredo. Ou a descoberta de alguma piada incrível que em poucos segundos ele iria compartilhar com Irene, sempre disposta a saborear até o osso certas tramas absurdas ou perversas que a realidade fabrica.

— Com quem? — perguntou, dos pés à cabeça faminta de diversão e conhecimento.

E ele contou. Era a silenciosa, a que ambos chamavam de abelhuda. Aquela que, havia mais de quatro meses, espiava discretamente o professor Alfredo Etchart.

Alfredo a notara no primeiro dia de aula. E não deve ter sido fácil, pensara Irene, que o escutava sem muita atenção, pois estava focada num cacho de uvas que acabava de lavar: entre seiscentos alunos, vê-la resplandecer como se fosse uma rainha. Sobretudo porque aquela adolescente bocuda e de olhos pequeninos (segundo ele acabava de contar) não podia ter muito de rainha. Aí moraria a tentação, naquele quase cintilar de beleza, um simples sopro, inconsciente demais para ser percebido pelo olho humano em estado normal. Ele, no entanto, o viu. Acabava de dizer alguma coisa sobre a função

da arte, certa ilusão que os alunos deveriam perder a respeito de uma arte utópica, que cairia sobre a sociedade feito uma bomba. Para resumir, ele dizia que assistir àquela primeira aula de Introdução à Literatura não era o melhor caminho para fazer a revolução, os alunos podiam ir pensando nisso como um primeiro trabalho prático. E a bocuda se zangou. *Eu também teria me zangado*, pensou Irene, comendo uma uva. Ou aos dezessete anos não acreditava que cada um dos meus atos moveria seu fatal grãozinho de areia em direção a? E aos trinta? Pelo visto, naquela noite de abril, na aula magna, todos deviam acreditar nisso, porque Alfredo percebeu o alvoroço. Seiscentos alunos dispostos a pular em cima dele, embora veementes demais — esclareceu, e lhe roubou uma uva —, muito mais fervorosos que ideológicos. Ele não estaria ficando velho?, pensou Irene. Não foi o alvoroço, porém, o que o inquietou. Foi a bocuda. Sua raiva, dando lugar a certas transformações. Franzimento de boca, meio giro de cabeça. E os cabelos, o modo como balançou os cabelos quando virou a cabeça. E a boca trombuda vista agora de perfil. Um efeito simultâneo e complexo que resplandeceu por um segundo entre as seiscentas cabeças e produziu em Alfredo um estado de embriaguez. O fugitivo lhe deixando um rastro de angústia? *Compreensível*, pensou Irene, *e por acaso isso também não acontece comigo?* Uma garota que de repente passava a seu lado e lhe provocava um relâmpago de maravilha e de medo. A formosura é como um ímã, escreveria, ou como um poço sem fundo. Sobretudo certa formosura... inocente? Não, nada inocente. Maligna e arrogante, mas desconectada de si

mesma. Essa beleza escorregadia e versátil que se percebe em certas adolescentes. A trombudinha parecia ser dessa família. *Perigosa*, pensaria Irene mais tarde, *daquelas que têm ritmo próprio*. Mas isso depois de dois meses, quando os alunos tivessem perdido a desconfiança inicial que Alfredo costumava provocar, e já o odiassem ou o idolatrassem sem melindres. Então se iniciaria um rito ao qual Alfredo estava habituado. Os alunos mais veementes abordariam sua mesa no fim de cada aula para continuar discutindo. A trombudinha não. Ela ficaria na metade do caminho, olhando-o de longe, como se não tivesse coragem de se aproximar, mas, no fundo (Irene pensaria), como se não quisesse que ele a confundisse com a tropa. Então pensaria: perigosa. Agora ainda não. Agora, nessa primeira aula sobre a qual Alfredo continua a lhe contar enquanto Irene come uvas e no exato momento em que o professor disse que não era com livros que eles mudariam o mundo e captou — mas já menos voraz — a insídia geral, a cabeça da bocuda virou-se para ele; e não é que seu olhar promete a Alfredo certa possibilidade de salvação? Sim. Claro que os livros também entram nesse mundo melhor. Certos livros. Já que toda obra de arte é uma busca solapada de beleza, uma condenação, portanto, ao que embrutece o homem, àquilo que o degrada a um destino indigno. Esses loucos perseguidores do belo — e está pensando em Baudelaire, e está pensando em Wilde — são mais perigosos para as boas consciências que certos farsantes que enxertam dois ou três clichês políticos num novelão medíocre e se acham os guardiões da barricada. E Irene podia imaginá-lo realmente apaixonado pelo

que dizia e, ao mesmo tempo, controlando a trombudinha que, pouco a pouco, vai se transformando, credulamente deixa agora que as palavras de Alfredo penetrem em sua alma virgem, ainda mais embriagada (pensa Irene) pelo som das palavras que pelo que elas significam de verdade. Já que toda formação é um processo longo e intrincado, escreveria. As alunas intuitivas percebem tons, matizes, até omissões nas palavras em que devem confiar. Como cadelas. Farejam a verdadeira sabedoria e se dispõem, descontraídas e putas, alegres e descomedidas, a que as ideias audazes entrem em suas cabecinhas.

— Sei bem como é — disse Irene. E comeu outra uva.

Alfredo Etchart: disseram que se chama assim. Faz quase duas horas que Irene Lauson não tira os olhos dele. Ele, em compensação, não olhou para ela. Madame Colombo disse a Irene que ele traduziu Laurence Sterne; disse: mesmo jovem assim, como está vendo, ele é um dos teóricos de literatura mais brilhantes da Argentina; uma pena que seja marxista, disse. Irene não tem a mais remota ideia de quem é Laurence Sterne, não consegue vincular a palavra “marxista” a esse homem louro de sorriso malicioso, não acha de jeito nenhum que ele pode ser chamado de jovem. Ela tem dezessete anos e os homens de trinta lhe parecem irremediavelmente velhos. O que, sim, acha é que, se ele olhasse para a cadeira em que ela está sentada, se surpreenderia muito e, quem sabe, até se aproximaria para lhe perguntar alguma coisa. Está conven-

cida de que sua presença deve ser desconcertante e atraente nessa sala na qual, mundanamente, conversam cineastas, pintores, senhoras empetecadas, senhores garbosos, gente barbuda e, ao que parece, literatos marxistas. Gente importante? Vá saber. Com exceção de madame Colombo, sua ex-professora de literatura, que a trouxe e a deixou abandonada, Irene não conhece ninguém. Mas isso não é um dado: não há nada para fazer além de reparar em sua saia pregueada, na agitação com que repetidas vezes ela acomoda a saia, em sua cara redonda e infantil, para concluir que vem de outro mundo. Sente-se observada por todos. Menos por Alfredo Etchart, que nesse momento explica com paixão a várias pessoas o que teria acontecido em 1955 se Perón tivesse dado ao povo a ordem de sair às ruas, enquanto dirige olhares perturbadores a uma senhora muito fina e a uma ruiva peituda que se ignoram mutuamente e que fazem que sim com a cabeça o tempo todo. Como se concordassem plenamente com aquilo de revolução social — reflete Irene lá de sua cadeira —, embora as duas devam estar pensando que ele surgiu com esse tema tão antipático porque, com toda aquela gente, é impossível para ele comê-las ali mesmo. *Que bobo*, ela pensa; *que graça tem, seduzir essas duas, que por pouco não se sentam em cima dele?* Depois de mais de duas horas observando-o, pode jurar que ele não tem nada a ver com toda aquela gente, por isso lhe dá raiva que ele lhes dê atenção e que olhe para todo canto, mas não para o lugar onde estava o que lhe apresentaria a grata surpresa. É um pretensioso, decide, e decide também: tenho que me tornar uma grande dama. Levanta-se e cruza

a sala. Agora está diante de um amplo espelho: ali não há nada que se pareça com uma grande dama. Tem as bochechas vermelhas, o que faz com que seu rosto pareça ainda mais redondo. Umedece um pouco as bochechas, cobre-as com os cabelos. Aff. Com determinação puxa para baixo a barra da blusa, faz uma reverência à do espelho e, depois de cruzar outra vez a sala, senta-se num sofá.

Mas nem assim ele nota sua presença. Irene se remexe no sofá, trêmula de fúria. Gostaria que aquele senhor distinto a visse agora, só para que notasse seu olhar de desdém. Poderia tranquilamente jogar-lhe na cara eu rio dos seus bons modos, querido professor: sou uma menina livre como o vento, indomável e superdotada, difícil até para você. Pareço ingênuas? Sou pura malícia. Pareço assustada? Dou a volta em todos. Pareço vidrada em você? Não penso em outra coisa senão em assassiná-lo. Parece que não tenho coragem? Tenho coragem. Em um segundo irei traí-lo.

Depois de ser fiel a ele por mais de três horas, Irene Lau-son trai Alfredo Etchart. O que é?, estava se achando *Herr Professor?*, pensava que ela não conhece o jogo? Isso não é brincadeira de criança: o abc da luta pela vida. É preciso falar pouco, sorrir muito, dizer veja só! e abrir olhos apavorados. Piscar com timidez para um homem de pele escura que quer saber por que uma jovencinha tão angelical veio parar neste antro de perdição, confundir-se ao responder, olhar com devoção, como se olha para as avós, para o resto das mulheres, ceder-lhes o assento, ouvir um homem de têmporas grisalhas dizer como vamos deixar a princesinha ficar de pé enquanto

Alfredo Etchart escuta, com ar secretamente divertido, uma garota loura de vestido branco que, desesperada, leva as mãos ao peito como se tentasse fazê-lo compreender algo muito íntimo que guarda no coração. Esse ruído me deixa com a cabeça atordoada, diz Irene ao senhor grisalho. Bem, que tola, não?, minhacabeça fica atordoada hihi, o que mais poderia me atordoar, senão isso? O senhor grisalho ri, outro de barbinha que escutou a conversa ri, Irene cobre o rosto com os cabelos, a todo momento diz falo demais e, com candura, ri. A garota de branco, de repente mais calma, também ri de uma coisa que Etchart acaba de dizer, a quem uma senhora de vestido preto que se interpõe entre ele e a de branco oferece uísque. Uísque não tem nenhum efeito sobre mim, diz Irene, e aceita outro copo. Se você continuar assim, teremos que te levar carregada, lhe diz um rapaz de óculos. Não seria um trabalho muito duro, diz o das têmporas grisalhas. Irene solta risinhos, diz aos dois que não se preocupem, pois num Ano-Novo ela tomou umas onze taças de sidra e nada aconteceu. A de preto parece ter se esquecido de que estava servindo o uísque; parou na frente de Etchart e conta a ele algo em atitude confidencial. Quanto à de branco, só lhe restou retirar-se; ela e uma outra, a de vestido brilhoso que conversa com um senhor muito feio em quem não presta atenção, não tiram os olhos de Alfredo Etchart. A de preto se posicionou de um jeito que não permite que Irene o veja. Irene chega mais para o lado. Acho que o uísque te deixa agitada, diz o rapaz de óculos. Sou agitada, diz Irene, fico me mexendo de um lado para o outro. Vários homens riem, encantados. Cer-

tas mulheres podem estar pensando por que permitem que essas pirralhas venham a reuniões de gente séria. A garota de branco, a de vestido brilhoso e uma bem bonita recém-localizada devem estar se perguntando se algumas dessas velhas flácidas não terão vergonha de andar flertando com homens jovens. Por fim, a que é muito bonita avança decidida e, apontando para um senhor bem baixinho, diz algo à de preto. A de preto olha com perversidade para a muito bonita e segue para servir uísque ao senhor bem baixinho. Irene se sente um pouco atordoada; sua cabeça dói. Etchart está explicando alguma coisa para a muito bonita. Como seus olhos são brilhantes, diz o das têmporas. É mesmo?, diz Irene; vou me olhar. Atravessa a sala e vai até o espelho do saguão. Etchart diz que aquilo que se costuma chamar poder parapsicológico pode não passar de uma exacerbação da sensibilidade e da inteligência, mas não a olhou passar. E aí?, pergunta o das têmporas. Certo, diz Irene; mas não é o uísque, é o calor. Vários homens riem, porque não acreditam nela. Nem Irene acredita em si mesma. Ri. Aceita outro uísque. As pessoas parecem cansadas e feias. O senhor das têmporas encostou a perna na perna de Irene, que não se afastou. A garota de branco voltou a se aproximar de Etchart. Você é um encanto, diz o das têmporas. O rapaz de óculos fala sobre os transtornos da velhice. Irene assente de forma ambígua. Nunca vi olhos como os seus, diz o das têmporas. Irene sorri para ele. Tenho que avisar essa garota, a Irenita, para se preparar, porque já vamos embora, diz a professora Colombo. Você já vai, Alfredo?, pergunta a de preto. Não, imagine se estou zozna, diz Irene, e tenta ir em frente sem cair.



O saguão está cheio de gente. Você viu meu *vison*?, pergunta uma voz. Me passe aquela bolsa, diz outra. Irene se deteve. Uma mão, atrás dela, deu um leve puxão em sua blusa. Ela não se vira: fica imóvel, de costas para o dono da mão. Sabe o que acaba de acontecer e não se surpreende. A surpresa vem depois, por causa de uma especulação: o que a surpreende é não estar surpresa, é aceitar com tanta naturalidade que já sabia aquilo de antemão.

— Que seja a última vez que você me trai — acaba de dizer Alfredo Etchart. — Minha vingança pode ser perigosa.

Disse isso quase na orelha de Irene, a suas costas. E ela nunca vai se esquecer do leve calafrio que sentiu na espinha.

Agora, sim, ela se vira. Tem a rebeldia estampada no rosto. Os dois oponentes ficam frente a frente.

E há algo que parece estar ali desde antes, oculto. Certa qualidade que os dois podem reconhecer nos olhos um do outro. Ou talvez se trate apenas de uma característica de espelho, que permite a Irene (re)conhecer-se no olhar dele. Um sinal ou um supremo desejo que já começa a derramar sua luz sobre as dissonâncias daquela noite, sobre certos risinhos disfarçados, sobre aquele afã intolerável de gritar debaixo dos astros, sobre a face oculta da lua, da face de lua de uma infanta maliciosa e clandestina, intimidada pelo maligno sonho de um destino de privilégio que a espera para devorá-la nos recantos escuros de sua alegre vida diurna.

Ele disse alguma coisa e ela fez que sim com a cabeça. Ele diz o nome de um lugar. Diz um endereço e um horário.

— Vai se lembrar?

— Claro — ela diz —, tenho uma memória impressionante. Então percebe nele algo que muitas vezes leu nos livros: ele sorriu com os olhos. Em seguida vai embora.

A contenda terminou: nem vencedores nem vencidos.

Amanhã vão se encontrar no Constantinopla.

— A que horas? — perguntou Irene.

Mas uma pequena catástrofe adiou a resposta de Alfredo. A música do rádio se interrompeu abruptamente, a luz se apagou.

— Nos demos mal, os botões se desplugaram — disse Irene, desembaraçando-se com astúcia do que Alfredo estava contando enquanto consertava a caixa de som.

— Fusíveis — disse Alfredo. — Te falei mil vezes que se chamam fusíveis.

— Olha só pra quem você está dizendo isso. Acha que não sei que se chamam fusíveis porque vêm de fundir?

— Fundir o quê? Me arranje uma vela.

— O fiozinho de metal — disse Irene.

E, enquanto remexia as gavetas, explicou como os elétrons, por causa de algum contato antinatural, podiam perder toda a resistência e entrar em circuito curto, que isso era o curto-circuito e não, como certamente acreditava o tosco humanista intuitivo, um corte no circuito. O corte vinha depois, já que o fiozinho ou fusível era a primeira coisa que derretia — ele já devia saber que o fio se rompe pela parte mais fina —, interrompendo a passagem de elétrons e evitando assim a queima de todo o conjunto de cabos e adjacências.

— Muita teoria, sim — disse Alfredo —, mas nem sequer uma vela você é capaz de arranjar.

— Coitado de você, veja isto — disse Irene, erguendo triunfalmente uma vela usada.

Voltou tateando, coisa que não a afetava muito, já que mesmo em plena luz costumava trombar com as coisas que se interpunham em seu caminho e que lhe permitiam comprovar aos tropeços que o mundo não era uma pura abstração.

— Agora me arranje um fio de metal fininho — disse Alfredo.

— Isso, sim, eu não tenho.

Gol contra. Nessa altura de sua vida — e não sem muito esforço —, podia sustentar com certa perícia uma conversa sobre buchas ou porcas, manejava com discrição a furadeira e contava com uma reserva considerável de rebites, parafusos em ele, fita isolante e outros utensílios, mas fio de metal fininho não tinha.

— Tudo bem. Vou tirar um do cabo do amplificador.

— Ah, não! — gritou Irene.

Tarde demais: Alfredo já empunhava a tesoura. O cabo blindado, lisinho, impoluto, estava definitivamente cortado em dois.

Com vago terror, enquanto o seguia com a vela, observou como Alfredo descascava o cabo, tirava peças misteriosas da caixa de fusíveis, lutava com o fio, penetrava no desconhecido, parafusava e pronto: fez-se a luz.

O que solucionava o assunto da escuridão, mas deixava, iluminado e nu até a indecência, outro problema: o coração destroçado de seu amplificador (para não falar agora do cabo), que nunca mais voltaria a ser o que era. E que, por sua vez, encobria outro problema, ainda de natureza incerta, que

estava à espreita enquanto Alfredo desmontava o amplificador e lhe contava o que acontera naquela tarde: a abelhuda, que por fim tinha falado com ele.

— Você faz ideia de até onde isso pode ir? — perguntou Alfredo, olhando com ar de dúvida uma espécie de lampadazinha.

Irene foi invadida pelo pressentimento de que as coisas começavam a dar errado.

— Te falei que era melhor mandar consertar no Palácio do Amplificador — disse.

— Você não vai me comparar com um palacete chinfrim — rebateu Alfredo, e, decidido, encaixou a lampadazinha onde lhe determinava o coração. — O que você acha que fazem com eles, lá?

Irene pensou que justamente isso — não saber — era o que a tranquilizava. Poderia ter confiado sem hesitar em um Palácio regido por leis desconhecidas. Com vago temor, é verdade, com a incômoda suspeita de que um mecanismo natural seria maculado — tinha uma fé cega nos produtos de fábrica, e as armações primitivas lhe pareciam alentadas por certo sopro divino —, mas também teria confiado nele desde que lhe devolvessem uma coisa aparentemente igual à que era antes e desde que não tivesse de passar por aquela derrocada de estruturas transitórias.

Por acaso não tinha abandonado a física nove anos antes por algo assim? Muita função de Lagrange, opa, muita integral de Hamilton e divagações sobre a natureza do curto-circuito, por que a lua não cai e por que uma peninha voa. Pen-

samentos não contaminados, isso sim, elaborações que podia corrigir, retorcer, apagar sem deixar rastro. *Mas todo ato deixa seu rastro* — pensou com terror, vendo como Alfredo juntava com fita isolante os dois tocos do cabo cortado, e foi fazer café —, razão pela qual o cristalino mundo matemático se desfez em pedaços deixando-lhe apenas um mal-estar literalmente físico, um prosaico nó no estômago no primeiro dia que lhe coube contemplar, sem ajuda, as diminutas entranhas de um circuito ou futuro circuito eletrônico, um objeto que existiria somente se ela fosse capaz de armá-lo. Observou-o com desconfiança por três semanas. Resistências minúsculas, pequenas válvulas, transistores que, como a Polegarzinha, eram do tamanho de um grão de anis — mas por qual distração ou equívoco da Natureza, ao observar um transistor, a claramente promissora estudante de física precisava pensar na palavra “Polegarzinha”, lida aos seis anos e cujas ressonâncias deleitosas desde então a envolviam a respeito de todas as coisas infinitamente pequenas que habitam o universo, não por causa da ilustração (lembrava-se sem encanto de uma menina flutuando em uma folha entre plantas aquáticas, imagem vulgar muito inferior à sonoridade da palavra *Polegarzinha*), não pela ilustração, e sim pela comparação: *pequena como um grão de anis*. E o curioso é que nunca na vida tinha visto um grão de anis nem lhe passara pela cabeça que pudesse ter grãos o que até então para ela fora só uma bebida transparente em uma garrafa hexaédrica servida em tacinhas e cujos resíduos faziam a alegria de pequenos futuros alcoólatras e dela mesma. No entanto, bastou

ler “pequena como um grão de anis” para imaginá-lo cristalino e embriagante como o licor, e pequeno como tudo o que possa haver de menor sobre a Terra; e também para de repente compreender o verdadeiro tamanho da Polegarzinha, em quem pensava desesperadamente enquanto contemplava os transistores. Mas nada lhe causava tanta angústia quanto o chassi vazio, no qual teria que montar um circuito que só funcionaria se todas as peças se ajustassem sem nenhum erro, momento em que o futuro trabalho tropeçava — em sua previdente imaginação — em sua própria falta de jeito ou no demônio inato que a fazia tomar sempre a contramão, instalar a imperfeição assim que as coisas eram tocadas por seus dedos, razão pela qual nunca se animou a juntar sequer dois cabos, razão pela qual depois de um calvário que durou vinte e um dias, convencida de que nunca montaria aquele circuito e portanto nunca seria aprovada em eletrônica e portanto abandonou abruptamente o curso de física. Não esquecer, em momentos de exaltação, de contabilizar esse fracasso.

— E o café, sai quando?

— Já levo — disse Irene da copa; pôs as xícaras em uma bandeja e resolveu perguntar: — Como anda isso aí?

— O que você acha? — replicou Alfredo.

Uma luzinha verde e uma luzinha vermelha se acenderam no momento exato em que Irene entrava com a bandeja. Alguns segundos depois a voz de Paco Ibáñez, *tú no puedes volver atrás porque la vida ya te empuja como un aullido interminable, interminable*, a fez levitar na ilusão transitória de que todos os problemas tinham acabado. A que horas? Ai!

Sua memória era sistemática e implacável. Obrigou-a a retroceder — não quero, não quero!, tenho vontade de ser feliz! —, obrigou-a a retroceder àquela intersecção que, na teoria das mudanças de estado físico, se denomina ponto triplo. Um ponto único — *a que horas?* — para o qual convergiram três problemas. Se o problema *um* estava resolvido e o problema *dois* estava resolvido, qual faltava? Shh, o terceiro não era de maneira alguma um problema. Então não reagira feliz da vida quando Alfredo, assim que começou a desmontar a caixa de som, dissera:

— Não sabe quem veio falar comigo hoje.

— A abelhuda — dissera Irene sem pestanejar.

Ele falou que ela era incrível. Modestamente, disse Irene. O que não disse foi que naqueles três dias pensara mais de uma vez que uma trombada tão bem armada pela Providência tinha que trazer algo mais. Em vez disso, perguntou:

— Como foi? Ela se aproximou sem mais nem menos e começou a falar com você?

Não, a abelhuda tinha seu estilo, disse Alfredo. Coisa que Irene já constatarara no fim de abril. Uma garota capaz de ficar esperando a uma distância prudente que ele a descobrisse, como se fosse muito tímida ou muito orgulhosa para fazer o esforço de se aproximar completamente, sem dúvida tinha seu estilo. Embora devesse ser, sim: tímida e orgulhosa. Mas o diabo é que ela sabe disso, decidiu Irene em maio.

O que certamente não sabia era que Alfredo a notara desde a primeira vez e que os movimentos inúteis que era obrigada a fazer para ficar sempre um pouco atrás, com sua perpétua

cara de expectativa, o divertiam como louco — e os contava depois a Irene. O que tampouco tinha como saber era que Irene seguia, além disso, os movimentos ocultos de sua alma, as especulações que eram tramadas atrás daquele olhar de assombro — mas com que direito, teria lhe dito a garota, com que direito a senhora pretende entrar na minha alma? —, os invisíveis sobressaltos daquele corpo à espreita, sempre disposto a ser capturado. Ou a capturar, se fosse o caso. E o caso por fim tinha chegado. A abelhuda, naquela mesma tarde, se aproximara mais que de costume e esperara que os outros se afastassem. Então, sim, falou, como se sempre tivesse falado.

— Eu te vi outro dia. Você estava parado na rua, rindo sozinho.

— Eu também te vi.

— Não viu, não!

— Vi, sim — *começo promissor*, pensou Irene. — Você vinha correndo e deu uma trombada.

— Trombada? — a garota irradiou indignação. Via-se nitidamente que não podia tolerar nele um engano tão grosseiro.

— Trombada — ele repetiu. — Não com um carro, boba. Com uma mulher.

Irene sentiu as palavras “com uma mulher” como um tapa na cara.

— Ui, é mesmo — disse a garota com o tom de quem havia esquecido completamente o fato, e Irene refletiu sobre como o ponto de vista pode ser equívoco. — Mas me viu como, se não percebi?

— Vejo mais coisas do que vocês imaginam — disse Alfredo. E nem precisou contar a Irene sobre o tom da voz dela. É



um cruzamento de Tolstói com Oscar Casco,<sup>1</sup> escreveria, daí a amplitude de seu registro (da ninfeta mais tosca à mais assídua leitora de Lévi-Strauss, *desde la princesa altiva a la que pesca en ruin barca, no hay hembra a quien no suscriba y cualquiera empresa abarca*)<sup>2</sup> e sobretudo daí o deslumbramento que provoca em certas mulheres involuntariamente fisgadas a um só tempo por Thomas Mann e Agustín Lara. De modo que Alfredo também não precisava contar a ela (embora tenha contado, só pelo prazer de compartilhar um prazer) a cara que a abelhuda fez, o embate que enfrentou com pé firme, sua rebeldia silenciosa à altura da palavra “vocês”, bravo, coleguinha, é muito cedo para mostrar a verdadeira cara. Mas quero ver você daqui a treze anos, ainda destemida, os olhos aumentados de curiosidade, o coração sedento de sabedoria, perguntando em tom casual, científico, de alegre camarada que pode assimilar sem piscar qualquer novo jogo que o destino lhe proponha.

— E então?

— Então vamos nos encontrar amanhã.

— A que horas? — perguntou Irene.

E agora que a luz voltava a inundar a casa e que o amplificador propagava aos quatro ventos *te sentirás acorralada, te sentirás perdida o sola, tal vez querrás no haber nacido, no haber nacido*, a terceira inquietação pôde florescer até al-

---

1 Oscar Casco (1923-1993), ator e galã argentino. [Todas as notas são da tradutora.]

2 Versos da cena XII da obra dramática *Don Juan Tenorio* (1844), do poeta e dramaturgo espanhol José Zorrilla (1817-1893).

cançar o estado preciso em que tinha sido apagada pelo curto-circuito. E ela voltou a perguntar.

— A que horas o quê? — retrucou Alfredo.

— A que horas você vai se encontrar com a abelhuda.

— Ela se chama Cecília — disse Alfredo. — Às cinco.

E se ele não tivesse se distraído testando um por um os botões do amplificador talvez tivesse notado, primeiro, o pequeno sobressalto e, depois, aquele peculiar sistema de sinais — certo jeito brusco ao recolher as xícaras de café, certa perfídia ao limpar as cinzas derrubadas sobre a escrivaninha — que ladinamente pretendia indicar o mau humor de Irene. Porque nesses casos ela não falava. Apenas ia deixando pequenos indícios pelo caminho, pedrinhas que poderiam ir guiando quem tivesse a paciência e o interesse necessários para entrar em espaços ociosos, e lentamente, amorosamente, investigando-a com carinho, com violência, com resignação, esforçando-se para chegar — grande prêmio! — ao centro exato de sua angústia.

E não é que Irene não pudesse expressar ela mesma o que estava acontecendo. Seu muro de pedra consistia em que só podia se expressar com uma clareza irritante. Por exemplo, teria conseguido dizer: estou de mau humor por duas razões:

a) Porque essa garota é muito mais perigosa do que você pensa. Ainda que você pense que ela é muito mais perigosa do que parece.

b) Porque cinco da tarde é o meu horário.

Mas como fazê-lo perceber, em meio a tanto a e b, aquela nostalgia, mas também aquela inveja e aquele medo? Como

explicar a ele, sem correr o risco de que comecem a voar pássaros e serpentes e feras trabalhosamente apaziguados, como comunicar-lhe a vergonha de suspeitar que desta vez não vai conseguir suportar aquilo? A alegria de outra, é isso o que ela acha que não vai mais conseguir suportar. A alegria da que ainda flutua nessa região incorrupta, imaculada, tão semelhante à perfeição, que é a espera.

Naquela noite ela cantou. *Yo sé que soy una aventura más para ti*, borbulhante de uísque, embriagada de felicidade, a ponto de emitir um uivo triunfal no carro da professora Colombo, embora — por fim civilizada — dosando sua demência em um suave cantarolar, *que después de esta noche te olvidarás de mí*. Jamais você vai esquecer. Ele não a esqueceria nunca, e ela era uma espécie de mulher fatal, ou melhor, era uma adolescente depravada que parte o coração dos homens adultos. *Yo sé que soy una ambición fugaz para ti, un capricho del alma que hoy te acerca a mí*. Nem pensar.

Na tarde seguinte também. Sozinha em uma mesa do Constantinopla cantarolava entre dentes, sem dúvida herança de Guirnalda, uma canção para cada coisa, mamãe, mamãe, *son las cinco y Alfredo no viene, / son las cinco y Alfredo no está, / yo me pongo mi traje de pieles, / y a la playa lo voy a buscar*. Enigmas para a pequena Irene, que escuta mamãe cantando enquanto finge ninar a boneca: 1) como é uma roupa de pele? 2) por que usar roupa de pele para ir à praia? 3) o que esse Alfredo faz na praia, considerando, pela roupa

de pele, que deve ser inverno? Embora a canção de Guirnalda não falasse em Alfredo, e sim em Enrique, *son las nueve y Enrique no viene*, de onde a pobre Guirnalda tirou isso?, e se visse agora sua pequena flor nesse bar caindo aos pedaços, esperando por um cavalheiro adulto que não chega, ela, que a penteava ajeitando a franja e engomando suas anáguas? Mas e essas canções? Essas doidas que morriam de amor, esses órfãos famintos, esses pivetes imundos que riem nas poças quando roçam a plumagem do condor caído? Algo Guirnalda fez para que Irene esteja agora aqui. Já faz quase quinze minutos. Chegou às cinco e cinco, apenas cinco minutos de atraso, era inevitável: uma espécie de relógio dentro da cabeça, a maquininha providente que calcula por conta própria, que não deixa nada entregue ao acaso, tantos minutos para escovar os dentes, tantos para fazer xixi, para se vestir, se pentear, esperar o elevador, tempo de descida, trajeto até o ponto, espera do ônibus (cálculo com base nas condições mais adversas), a viagem propriamente dita (cálculo com base nas condições mais adversas), percurso até o objetivo, ajuste por erro, arredondamento. Às cinco e cinco. Até mesmo sua falta de pontualidade costuma ser pontual. Uma falta de pontualidade aparente, ou enganadora. Com quantos minutos de atraso a marquesa deseja chegar? Cinco, dez, vinte? A maquininha vai calcular. *Working*. Tic-tic-tic. *Exit*. Para chegar xis minutos atrasada a marquesa deve começar a se vestir em. Ah, os atrasados genuínos, ao contrário, os que se deslocam como arcanjos pelo espaço temporal, confiantes em que a areia do relógio não escorre durante as pequenas

contingências, os que fixam prazos como quem formula um desejo, chego em cinco minutos, como quem convoca a magia, como quem anuncia minha vontade é chegar em cinco minutos, mas o ato de pôr a gravata, as escadas, uma insignificante viagem de ônibus se interpõem como obstáculos, são avatares da fatalidade que se opõe a meus anseios. Alfredo Etchart sem dúvida pertencia à invejável espécie dos atrasados: já passava das cinco e vinte e ele ainda não havia chegado.

Irene abriu o *Differential and Integral Calculus*, de Courant. Ela o trouxera com perfídia. Não tinha um certo ar de Imaculada, a consciência pecadora de quem não o é e a circunstancial desgraça de continuar a sê-lo? Sua situação era delicada. Que atitude tomar diante do professor maduro: maliciosa ou inocente? Pôs na mesa um curinga. Courant. As adolescentes com predisposição aos jogos matemáticos não são pura espuma. A experiência já lhe diria por quais meandros adentrar depois, mas enquanto isso, descasque esse abacaxi!

$$\int \frac{dx}{x^2} =$$

Anotou no caderno, debaixo do esquema do átomo de Bohr, por sua vez precedido por uma frase que parecia vir da página anterior: “*a angustiante alegria de me saber única, eu, Irene Lauson, centro do universo*”. Dois números de telefone e o precário desenho de um ranchinho e um sol muito sorridente na margem superior prefiguravam o caos.